

MEMÓRIAS DE SAPATEIROS

Teresa Malatian

Departamento de História da Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais / UNESP - Franca

RESUMO: Este texto aborda a memória de sapateiros construída a partir de entrevistas de História Oral e pesquisa bibliográfica. Nele, os temas da identidade e dos modos de viver aparecem no âmbito de uma cultura (práticas e representações) na qual se inserem a indústria calçadista de Franca e seus trabalhadores.

Palavras-chave: Memória, História Oral, Identidade, Cultura, Indústria calçadista, Modos de viver.

A indústria de calçados, como a têxtil de algodão e a de fabricação de chapéus, foi uma das primeiras a instalar-se no Brasil. Em seu estágio inicial de artesanato, a produção de calçados esteve associada à atividade curtumeira e caracterizava-se por um processo realizado em pequenas oficinas por artífices, voltado para o atendimento do mercado local e realizado com instrumentos simples, de uso manual. Na sociedade escravista, tal mercado era restrito, dado que os escravos, maioria da população, andavam descalços. No século XIX, os calçados passaram a ser produzidos também por imigrantes que desenvolveram esse artesanato nos núcleos coloniais e em centros urbanos para atendimento à demanda de botas, botinas e sapatos.

Um avanço na produção artesanal de calçados feitos sob encomenda ocorreu com a utilização de máquinas de costura de uso doméstico adaptadas ao couro. Tal inovação ocorreu em um processo de concentração de capital e de trabalhadores em unidades de produção maiores que as oficinas, das quais se originaram as fábricas de calçados que, cada vez mais solicitadas pelo crescimento populacional e pela urbanização, tiveram sua demanda de consumo ampliada.

Assim como o uso da eletricidade constituiu importante fator de expansão e mecanização da indústria calçadista ao permitir que diversas máquinas trabalhassem ao mesmo tempo e com maior rapidez, as transformações no processo produtivo pela introdução de novas tecnologias intensificaram-se nas primeiras décadas do século XX, dando origem ao sistema fabril. Sua principal inovação foi a mecanização das pequenas unidades produtivas e a introdução de nova e maior divisão do trabalho. Surgiu o novo sapateiro, empregado em uma grande oficina, despossuído dos instrumentos de produção, e, no entanto, ainda conhecedor do saber do seu ofício, isto é, de todas as operações necessárias à confecção do produto. Pouco a pouco, porém, cada sapateiro passou a realizar apenas uma única tarefa específica para que seu trabalho se tornasse mais rápido e eficiente.

Muito do que conhecemos hoje sobre o trabalho do sapateiro deve-se à memória de trabalhadores que guardaram lembranças de suas trajetórias de vida. Mediante entrevistas

orais, foi possível resgatar lembranças sobre a confecção de calçados que recuam à forma artesanal de produção dos anos 1930 e das décadas seguintes. A produção, feita em pequenas unidades administradas por famílias, realizava-se em prédios que eram ao mesmo tempo residência de seus proprietários e local de trabalho. Como a família trabalhava nesse ofício, o emprego de trabalhadores externos era restrito.

A memória da fase artesanal da produção de calçados recupera o processo produtivo manual que antecedeu a instalação das fábricas. Nas oficinas, havia as bancas que consistiam em pequenos móveis nos quais eram colocadas as ferramentas. Os ajudantes vinham ali realizar o aprendizado do ofício. Persiste a lembrança de que, ao fabricar calçados, os sapateiros dominavam os saberes de uma profissão, pois o processo produtivo dependia da habilidade do artesão em trabalhar o couro, fabricando peças sob medida. O trabalho era considerado uma arte, uma vez que estava associado ao domínio de uma técnica de modelagem e confecção.

Nas lembranças dos velhos sapateiros, persiste a memória dos mais antigos processos de produção em que os setores calçadista e curtumeiro estavam associados. Esse processo começava com o curtimento do couro para depois chegar à modelagem. A profissão nessa fase possuía fortes traços identitários que se faziam presentes na transmissão do ofício de uma geração a outra. Essa memória, todavia, não persiste, além dos sujeitos individuais que vivenciaram a produção artesanal e podem compará-la com o mundo fabril ao qual muitos deles se integraram, quando não permaneceram em pequenas oficinas. Nelas produzem e consertam sapatos muitas vezes produzidos sob medida os quais são comercializados diretamente aos consumidores.

Eu gostava de montar um sapato e ele ficava igualzinho à forma, certinha a cor... tudo certinho! (...) quando eu mexia com o Luíz XV era um par por dia. Agora, sapato para homem, era uma média de 25, 30 pares. (...) O Luíz XV tinha que ser uma coisa caprichada. Principalmente o vira francesa, tinha que ser um par por dia. (...) eu gostava de acabar o sapato, porque eu gostava de fazer um acabamento bonito. O sapato Luíz XV que eu fazia, eu te juro, parecia que era fundido, parecia uma peça só (entrevista com Valter Croisfelt).

Com a introdução de máquinas, o antigo “ofício” foi modificando-se e com ele a identidade do sapateiro que passou a se considerar cada vez menos um artista e cada vez mais um operário, como qualquer outro. A produção foi fragmentada em etapas que simplificaram cada vez mais o trabalho à medida em que as máquinas se tornavam mais complexas. O saber do sapateiro que se identificava com seu ofício foi apropriado pela fábrica.

A esteira móvel e a divisão do trabalho no processo produtivo instalaram o deslocamento automático das peças, em um ritmo constante que imobilizou o sapateiro em um ponto no espaço da fábrica, submetendo-o a um ritmo produtivo pré-determinado que visa evitar desperdício de tempo e de material. A lógica do capital, buscando obter lucros cada vez maiores, levou à nova identidade do sapateiro: de artista a robô, o caminho é sem volta.

Uma nova disciplina industrial se instalou, alienando o trabalhador e desvalorizando seu trabalho individual.

A constatação de que a esteira amplia a extração da força de trabalho do sapateiro se expressa nos depoimentos em relatos sobre atitudes de solidariedade que permitem ao trabalhador cunhar brechas na rígida disciplina fabril, cujo ritmo é ditado pela máquina. O cronometrista passou a determinar as cotas diárias e o número de peças que passam por minuto diante do sapateiro (3, 5 ou mais peças). Nas fábricas que empregam tecnologia mais sofisticada, é o computador que controla a produção, ditando invisivelmente o ritmo do trabalho. Perdido o domínio sobre o processo produtivo, destituído do saber do ofício, o sapateiro das grandes fábricas exerce um trabalho mecanizado ou automatizado. Nesse mundo disciplinado, rotineiro, de tarefas parceladas, o sapateiro constitui apenas uma pequena engrenagem.

Importantes transformações ocorreram na profissão que emprega sobretudo jovens, pois exige habilidade, atenção e agilidade na relação com a máquina. No sistema artesanal, estava prevista a formação de novos sapateiros pelo sistema de aprendizado junto aos oficiais. O aprendiz deveria custear seu aprendizado, seja na forma de pagamento direto, seja, na maior parte das vezes, na forma de trabalho não remunerado. O domínio da técnica era considerado um bem precioso, com valor de mercado, a ser repassado pelos mais experientes que detinham os segredos do ofício aos mais jovens, cujo trabalho durante o aprendizado não era regulamentado. Dependia da aceitação do oficial e, muitas vezes relações de amizade, compadrio, parentesco ou vizinhança desempenharam importante papel nesse processo.

Com a mecanização, o trabalhador passou a ter um confronto com a máquina. Dominar a máquina, conhecer seus segredos, sem se deixar triturar por ela, passou a ser o grande aprendizado. Nesse novo processo produtivo, os melhores salários vão para os que trabalham com máquinas mais complexas, que executam as chamadas funções “especializadas”, definidas como tal pela organização industrial. O ofício silencioso e contemplativo cedeu lugar ao trabalho ruidoso com a máquina.

Outra transformação consiste no emprego cada vez mais numeroso de mulheres, sobretudo nas funções de costureira-pespontadeira, associadas tradicionalmente ao universo doméstico da reprodução. Nele, a mulher sapateira se mantém tanto como operária, quanto como costureira autônoma trabalhando no local em que reside, combinando trabalho doméstico, guarda dos filhos e trabalho “produtivo” com baixos salários e desprotegida pela legislação trabalhista. Desse trabalho, participam muitas vezes seus filhos, menores que também são iniciados no mundo do trabalho em condições muito precárias. O trabalho da mulher das fábricas diversifica-se também, em alguns casos, em atividades antes consideradas masculinas, como o corte de peles, considerado bastante complexo, pois exige conhecimentos específicos de tecnologia do couro (tipos, elasticidade, defeitos, dureza, enrugamento, resistência, espessura), para melhor aproveitamento do material.

Insalubridade, insegurança no trabalho e baixos salários aparecem nas histórias de vida como os maiores problemas enfrentados pelos trabalhadores das indústrias de calçados.

Em torno deles, pode-se verificar laços de solidariedade, formas de organização e práticas de resistência. Na fábrica de calçados, a saúde do sapateiro vive constantemente ameaçada: barulho excessivo, pó, cheiro de cola, solventes, tachas de chumbo, além de outras agressões químicas desafiam o trabalhador.

A identidade assim despojada do orgulho do ofício passou a carregar o estigma de uma divisão do trabalho em funções detalhistas e rotineiras. O sapateiro se vê como um trabalhador semelhante aos demais, sem características que o individualizem no conjunto da classe um “funcionário” da fábrica. O sentimento que persiste nos velhos sapateiros é o da perda da profissão e a nova identidade se delineia a partir da própria máquina e da expoliação do saber: “despede um, entrou outro. O funcionário é um robô” (entrevista com Valter Croisfelt).